

## **A criouliização na construção do feminino em Antônio Olinto**

Anelise de Freitas<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho objetiva analisar e compreender em que medida a criouliização, proposta por Édouard Glissant em "Introdução a uma poética da diversidade" (2005) influencia na construção e importância do feminino na obra narrada sob a ótica dos ex-escravos regressados à África Ocidental. A partir da pesquisa "Negociações identitárias da diáspora africana brasileira na trilogia 'Alma da África', de Antônio Olinto", proposta em 2013.

**Palavras-chave:** Criouliização; Feminino; Diáspora Africana Brasileira; Antônio Olinto

**ABSTRACT:** The work aims to analyze and understand the extent to which creolization, proposed by Édouard Glissant in "Introdução a uma poética da diversidade" (2005) influences the construction and importance of women in the work told from the perspective of the returning ex-slaves in West Africa. From the research "Negotiations of Brazilian identity in the African Diaspora trilogy 'Soul of Africa' by Antonio Olinto," proposed in 2013.

**Key-words:** Creolization; Female; Brazilian African Diaspora; Antônio Olinto

Viajar leva-nos, literalmente, através dos pontos e coordenadas geográficas. Há um consenso social de que fazê-lo nos traz experiências e novidades. Entretanto, entre os povos africanos que embarcaram em navios negreiros não se pode dizer que viajavam por prazer ou vontade própria. Arrancados de suas origens e cultura, os povos de países africanos foram transportados forçosamente para outras terras, onde havia mão de obra escrava. Só no Brasil o número de escravos chegou a ser três vezes maior que o número de portugueses, em um

---

<sup>1</sup> Em 2011, graduou-se em comunicação social pela Estácio de Sá/FESJF. Atualmente é aluna da Faculdade de Letras/UFJF e mestranda em Estudos Literários pela mesma instituição. Este artigo foi desenvolvido sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Enilce do Carmo Albergaria Rocha.

momento pré-abolicionista. Esse fenômeno sociocultural, que se processou nas três Américas, constitui a diáspora africana hoje amplamente estudada pelas ciências humanas.

Os senhores de escravos não tinham conhecimento da relação familiar e cultural que aquelas pessoas, vindas para servi-lo, possuíam em comum (aliás, não tinham nenhuma noção da cultura daqueles que chegavam). A diáspora – ou a saída forçada – gerou um processo identitário diverso entre aquelas pessoas. Os povos africanos remodelaram suas instituições culturais, crenças e práticas, na medida em que interagiam com os negociantes de escravos e com o povo com o qual eram obrigados a conviver. Dessa forma, as culturas africanas mesclam-se às matrizes europeias e indígenas e, posteriormente, asiáticas, no amplo e permanente processo de hibridismo da cultura brasileira.

A construção da memória se dará “de maneira mais geral”, a partir do devir dessa continuidade histórica, “que é a própria realidade, pois o momento presente é constituído pelo corte quase instantâneo que nossa percepção pratica na massa em vias de escoamento” (BERGSON, 2010, p. 162). O corpo exercerá papel fundamental na memória histórica, no caso da nossa análise, o corpo feminino, pois aquilo que vivenciamos no passado consistirá o nosso presente.

Muitos africanos e afro-brasileiros, entre os séculos XIX e XX, retornaram à África. O escritor e filósofo Antônio Olinto, admirador das culturas africanas, pode observá-las *in loco*. Esse fenômeno do regresso foi abordado em sua trilogia, *A Alma da África*, na qual o autor objetiva traçar um pouco do caminho escamoteado ao longo dos anos pela história. As negociações identitárias que envolvem as questões da diáspora perpassam algumas imbricações que vão além do tema dos “retornados” e subjazem em situações como a que esse texto procura desvendar na obra da trilogia de Olinto. *A Alma da África* narra a história dos retornados ao continente africano e objetiva-se aqui discorrer sobre as questões identitárias do feminino através dessa jornada, percorrendo, dessa forma, a narrativa, através de suas principais personagens femininas.

## **1. A Trilogia**

Composta por *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*, as narrativas abordam nos três romances a temática da diáspora africana na determinação das identidades

culturais híbridas dos “retornados”. No primeiro romance da série, *A Casa da Água*, podemos observar a história de Mariana, que ainda menina deixa o Piau, na região de Minas Gerais, para fazer a viagem que mudaria de forma drástica a sua vida, rumo a Lagos, na Nigéria, no continente africano. Em 1898, dez anos após a abolição da escravatura no Brasil, Catarina, uma ex-escrava, avó de Mariana, decide deixar a pequena cidade e voltar para a África com sua filha e neta. As três enfrentam muitas travessias até, finalmente, aportarem em solo africano: vão de Piau para Juiz de Fora; em seguida para o Rio de Janeiro, rumo a Bahia e, lá conseguem um barco à vela que as leva a Lagos. Ao chegarem a Lagos, a menina Mariana descobre que a avó Catarina, enquanto morava no que hoje conhecemos por Nigéria, se chamava Ainá (nome que reassume em solo africano).

Ao final do primeiro livro, há o momento da morte do filho de Mariana, a neta, cuja gestação só foi descoberta após a morte do marido. Essa morte representa na narrativa o fim de um ciclo de vida e o começo de um novo tempo, pois o filho se transmutara na esperança da mãe, que acabara de ficar viúva, de uma maneira trágica. A menina que saíra de Piau agora possuía um filho já falecido, que havia modificado a história de uma região do continente africano, assim como seus outros filhos, sempre envolvidos com a política. E todas essas circularidades e atribuições, que desaguam, de certa forma, sobre o corpo feminino e se realizam na narrativa através dele, tanto física quanto psicologicamente. A velha Mariana termina o primeiro livro como um oriquí (evocação dos orixás, em iorubá), realizando com a neta um ritual de passagem:

Mariana segurou a menina, apertou-a com força, pegou num punhado de areia, jogou-a sobre a bandeira que cobria o morto, de repente soltou um berro, não foi choro, que nunca chorara, mas berro, é berro que atravessou o areal, que chegou à Casa da Água, que fez tremerem as pessoas, ó berro que segurou aquele momento num único som, ó berro vindo do Piau, da Bahia, do mar sem vento, das mortes em alto-mar, do sangue da menina que virava mulher, do poço arrancado da terra, ó berro que vinha do umbigo, da barriga, dos intestinos, e subia por todo o corpo antes de sair pela boca, ó berro que era berro de velha e de criança, ó berro que era berro, só berro, ó berro. (OLINTO, 1988, p. 369)

Nos demais romances, observa-se também histórias femininas, de mulheres fortes, como Abionan, em *O Rei de Ketu*, trabalhadora da feira, que também perde um filho; e *O Trono de Vidro*, em que a personagem Mariana, neta da velha Mariana e filha de Sebastian Silva, torna-se a presidente do Zorei.

## 2. O Feminino

Observamos que para as três mulheres do primeiro romance a viagem assume papéis diferentes e de suma importância. Para Catarina é como se fora um regresso à casa: ela volta a assumir o seu nome africano e, algum tempo após sua chegada, como quem cumpre um papel, cala-se por vários dias e acaba morrendo. Pode-se perceber que sua viagem se caracteriza pela circularidade, ou seja, era preciso que ela voltasse à sua terra para compreender aquilo que agora também compunha sua cultura.

Já para a personagem Epifânia, filha de Catarina, cujo nome significa “manifestação divina”, a viagem não é de regresso, mas de conhecimento. Nascida no Brasil, criada sob os princípios da doutrina católica, ela não conhecia os valores fundamentais da cultura iorubá (cultura a qual pertencia sua mãe). Enquanto para a menina Mariana, sua filha, a viagem representa a descoberta do novo. Assim, ao chegar à Nigéria, vivencia a primeira experiência da menstruação, marcando com seu próprio sangue a sua passagem iniciática. É na Nigéria, sob a religião dos orixás, cultuados pela avó, que Mariana se casa, tem filhos e constrói o poço, que será – “como ela mesma afirma, a Abionan, sua amiga, no segundo livro da trilogia” – a coisa mais importante que havia feito em sua vida (OLINTO, 2007, p.188). Logo, a menina, que se torna mulher na África, sabe que é a partir da casa da água que sua vida seguirá sem destino o que culminará, no final do romance, com a morte de seu filho mais novo, Sebastian Silva, presidente de Zorei.

Mariana, uma vez em solo africano, enriquece, após construir a casa da água. Esse acontecimento se dá após a partida de seu marido, Sebastian, que vai a busca da sobrevivência fora da cidade. Entretanto, quebrando a lógica do patriarcado, a menina-mulher sustentará toda a família. Cabe ressaltar aqui que esse “sustento” não provê apenas bens materiais, pois a matriarca representa o elo principal da história e da vida daqueles que estão presentes na narrativa.

Baseando-se no provérbio iorubá “iyá ni wurá, babá ni digi”, que diz “mãe é ouro, pai é vidro”, Antônio Olinto dá vida à personagem central do segundo romance, Abionan. A grande motivação pessoal de Abionan é ter um filho que será rei de Keto. É bastante forte a presença da figura feminina, seja no provérbio acima citado que tematiza o livro, seja na

manutenção da figura materna. Aliás, ao final do primeiro romance, Mariana acabara de perder o filho; e no segundo romance Abionan também perde seu filho. Dessa forma, mais uma vez, o provérbio se realiza.

A figura materna é fortemente representada nas lembranças de Abionan: ainda na infância viajara por inúmeros mercados nigerianos em companhia da mãe, sempre encarregada de estar com os filhos, de educá-los e inseri-los no mundo. Assim, Abionan aprende com a mãe as coisas da maternidade, mas não poderá servir-se desse ensinamento junto a seu filho que morrera prematuramente.

Entre o primeiro e o segundo romance há um vínculo bastante forte entre as personagens, já que a velha Mariana e sua neta, cujo nome é também Mariana, personagem do romance *A Casa da Água* mantêm relação de amizade com Abionan. Essas mulheres vivenciam experiências dolorosas comuns, já que Abionan almeja ter um filho que será rei, superando assim a determinação social. Entretanto, o menino morrera ainda na primeira infância, frustrando os anseios maternos; a velha Mariana tivera também um filho que chegara a governar o país do Zorei - alçando-se assim ao mais alto cargo político – mas que também morrera. A mãe do presidente assumira a função de conselheira da mãe do futuro rei de Keto Abionan. Enquanto Mariana não pudera sonhar em ter um filho que ocupasse um cargo na alta hierarquia política do país, a jovem Abionan consegue vislumbrar essa situação como um sonho possível e luta por esse sonho em prol do pequeno Adeniran, seu filho.

Já a jovem Mariana, representante da quinta geração de mulheres, exercerá um cargo político. Vivera no estrangeiro e era filha de um líder política e, portanto, possuidora de uma consciência crítica em relação ao seu país. Todo o conhecimento que adquiriu na colônia será utilizado em prol do desenvolvimento de seu lugar de origem, pois sabe que ao conhecer seu povo, sua origem, fará também uma imersão em sua identidade cultural e, conseqüentemente, em si mesma, vivenciando a experiência social das mulheres do povo de sua aldeia natal.

- Vivo na minha casa que é casa de minha avó. Estudo em Paris. De vez em quando vou a Zorei onde meu pai foi presidente, conheço todo mundo lá, Aduni é uma cidade pequena. Mas na Europa eu me perguntava: o que é que eu sei da África? Um pouco mais do que o europeu especialista em África que pensa que sabe tudo. Às vezes sabe muito, só que não entende nada. Então resolvi ser vendedora de mercado, passar uns tempos seguindo o ciclo normal dos mercados ao redor de Keto. (OLINTO, 2007, p. 156)

Graças à sua experiência diaspórica, adquire um distanciamento crítico que lhe permite observar sua cultura de pertencimento tanto pelo ângulo do nativo quanto pelo ângulo daquele que olha “de fora”. Esse duplo olhar permite a menina conhecer e fazer com que conheçam sua terra; e ela resolve, então, editar os pensamentos de seu pai, para o qual o africano é a sua própria essência, não necessitando de indicação de um outro “de fora” para trilhar os caminhos pelos quais seguir; o africano “não esculpe uma figura de madeira: ele é a figura que esculpe” (OLINTO, 2007, p. 162).

A personagem central, Abionan, trabalha em quatro mercados da Nigéria, viajando cotidianamente entre eles para vender seus legumes. Normalmente, são as mulheres que trabalham no mercado vendendo e, em algumas passagens, podemos perceber que o sustento da família provém do trabalho delas e seu mundo, sem que haja a cooperação dos maridos. A própria Abionan passa longos períodos sem saber de Ademolá, mas sabe que necessita dele para ter um novo filho – capaz de ser o estimado rei de Keto – já que ela e o homem fazem parte de famílias reais da cidade. A figura materna é tão importante que Abionan sabe que o próprio marido pode ser rei, mas deseja fazer do filho o futuro rei, ou seja, não é a figura de um homem, mas a do filho que a mobiliza.

Os maridos das mulheres do mercado em nada lembram os homens viris do patriarcado, e ao longo do romance demonstram sempre estar bebendo ou pedindo dinheiro às esposas. No mercado de Togo, ao viajar com sua mãe, Abionan percebe que as mulheres trabalham mais do que os homens e que, por exemplo, Casimir, um dos homens que Abionan e sua mãe conheceram pelos mercados nigerianos, tinha o dia inteiro livre. A dedicação dessas mulheres é voltada para os filhos (que se tornarão homens). É também no mercado que a circularidade e encontro entre as personagens principais, Mariana e Abionan, se dá, pois a primeira personagem, ainda no Brasil, ouve falar dos mercados nigerianos, e ali deposita inúmeras esperanças; e esta será também a forma como esta se inseriu no mercado de trabalho e começou sua vida na África; a segunda personagem, igualmente, irá trabalhar no mercado, seguindo os passos de sua mãe. O mercado, além de garantir a sobrevivência da família, constitui um espaço privilegiado de trocas sociais, tal como acontece nas nações africanas.

[...] Angelique, tinha o hábito de contar a todo mundo como era imbecil o marido, imbecil e preguiçoso, ficava o dia inteiro bebendo cerveja às custas dela, um dia Abionan viu chegar um homem grande, a roupa cheia de riscos, um vermelho outro

branco, o homem parou na barraca de Angelique, disse umas palavras, a mulher olhou para ele um momento, depois pegou um pedaço de pau, o homem correu, ela atrás dele [...] (OLINTO, 2007, p. 177)

As mulheres são bastante conscientes de sua situação social e Angelique, uma das mulheres que trabalha na feira, chega a propor a estruturação de um sindicato que impeça aos maridos de extorquirem dinheiro de suas esposas.

Nos três romances, há a presença, igualmente marcante, dos orixás, assim como o respeito a eles. Representado por Fatogum, o babalaô é sempre alguém humilde, desprovido de bens materiais, que se expressa através de metáforas. Respeitando a tradição das histórias contadas, muito presentes nos países africanos. Antônio Olinto utiliza-se de muitas vírgulas, para marcar as pausas, e quase não insere ponto final em suas frases, numa tentativa de inserção da oralidade na escrita.

A palavra “rei” ou o fato de “ser rei” figuram na narrativa de maneira recorrente e acompanham a mulher desde a infância, como quando Abionan, ainda menina, conhece a menina Elizabeth e descobre ser esse o nome de uma rainha da Inglaterra. Da mesma forma, a narrativa contém a história de Keto, cidade fundada por um rei/orixá. E ao passar pelas cidades da Nigéria, a personagem assiste à festa dedicada ao rei, percebendo assim como sua figura é imponente e respeitada.

[...] Aduké e Abionan recuaram assustadas, subiram num montículo que havia num canto da rua, um grupo de homens começou a bater nas paredes da casa com pedaços de pau e de metal, homens e mulheres puxaram a porta da esquerda, outros empurravam as duas janelas do centro, havia também a porta da direita que estava fechada, mas foi logo aberta por um golpe de machado que um soldado brandia, durante alguns minutos o barulho foi aumentando até se tornar a única realidade da rua, o rei a tudo assistia sem um gesto ou uma palavra [...] (OLINTO, 2007, p. 107)

Na narrativa podemos perceber que Abionan e Mariana possuem identidades culturais diferentes. Enquanto a primeira utiliza como referência a cidade de Keto e a cultura ioruba, Mariana, nascida no Brasil, é uma personagem que representa o hibridismo cultural.

Quando Casimir fala à então menina Abionan que “mãe é ouro, pai é vidro” está enaltecendo a figura feminina, que nas culturas africanas é reconhecida como exercendo um papel fundamental. A mãe é a figura forte, que não se arruína com facilidade, aquela que é insubstituível e que nunca perde o seu valor. Ao passo que o pai, feito o vidro, é passível de



degradação, de desgaste, e pode-se viver sem a sua presença sem maiores problemas. A mãe não somente gera a vida, como a guarda como um tesouro, pois se para o filho a mãe é ouro, para a mãe o filho é um diamante a ser esculpido.

Ao final, Abionan e Ademolá, após a morte da sogra, caminham pela estrada seduzindo-se mutuamente. A medida que comungam, a mulher é quem estabelece o tipo de relação que quer ter com o homem, valendo-se de sua sensualidade em relação àquele que foi pai de seu primeiro filho e que será também pai de seu segundo filho. Quando, finalmente, os dois chegam ao baobá que lhe deu a vida e a seu filho, e que serviu também de túmulo para o pequeno Adeniran, Abionan se deixa seduzir e, pela primeira vez se coloca em posição de igualdade em relação ao homem, pois “naquele chão começaria a existir, começaria a se formar o novo Adeniran, forte, rei de Keto, filho dela, rei, rei, rei de Keto” (OLINTO, 2007, p. 345).

A trilogia de Antônio Olinto não se fecha em um desfecho final, ao contrário: ela repete esteticamente a circularidade da visão de mundo que está presente nas culturas africanas. O romance *Trono de Vidro* ao mesmo tempo em que marca o final da trilogia também abre um novo ciclo. O romance mostra a jovem Mariana, antes de assumir a revolução política que pretende em Zorei, buscando sua evolução (seja ela política ou espiritual). Depois de deixar seu país para viver na Europa e, de fato, tomar conhecimento do que o mundo pensa a respeito de seu país, retorna a ele para, enfim, conhecer verdadeiramente sua região. Ao voltar busca o isolamento, pois pretende ver, escutar e pensar seu lugar, uma vez que sabe da importância do que pretende.

À noite apareceu Thomás da Silva, longo traje amarelo, filá marrom, queria saber se ela estava decidida a voltar, lembrou-se das palavras dele “você não é você apenas”, “peço para você assumir o espírito de seu pai”, e agora vinha pedir confirmação, o país sofria e ele havia inventado um nome para o movimento que levaria Mariana à chefia de Zorei, o movimento se chamava sebastianismo, seria uma campanha sebastianista para a volta do espírito que presidira a presença do Presidente Sebastian Silva.” (OLINTO, 2007, p. 19)

Embora lhe seja atribuída o comando de uma revolução sebastianista, com nome masculino, Mariana aceita o pedido de liderar politicamente seu país. Mariana se lembra das aulas na França e do professor brasileiro lhe dizendo que tudo voltava, que toda civilização



espera um messias, e que em Portugal esperavam a volta de Dom Sebastião, ciclo que é denominado “sebastianismo” (OLINTO, 2007, p. 19).

Todo o *background* obtido pela jovem Mariana, bem como o conhecimento de seus primos e tios foi possibilitado pela outra Mariana, a mais velha. Esta, mesmo sem ter acesso à cultura escrita, sabia que só enviando sua família para conhecer outras culturas, outros lugares, faria com que possuíssem outros conhecimentos. Assim, até mesmo os caminhos políticos que a jovem pretende seguir são concebidos a partir do encontro com os amigos europeus, que a informam a respeito do olhar estrangeiro sobre as relações políticas em Zorei. A menina, como a avó, pratica o sincretismo religioso mesclando a religião cristã à ioruba. Mariana é plural: mescla religiões, conhece várias culturas e sabe transitar por todos os caminhos que cruza.

Quando Mariana começa então a pesquisar sobre o seu país descobre que, mesmo independente, este ainda sofre a herança da dominação colonial. O que os habitantes sabem sobre Zorei é baseado no conteúdo gerado por viajantes de outros países, principalmente aqueles com os quais mantém laços comerciais, como, por exemplo, quando Gaston lhe explica que as estatísticas sobre a exportação do país são adquiridas através dos índices de importação de outros países.

Ilufemi, nome assumido pela nova Mariana, tem ao seu redor a Mariana antiga, a mãe-ouro, que ramifica uma linhagem capaz de mudar a história de um país e a sua própria, e o pai-vidro, morto por um tiro. A mulher assume assim uma posição de respeito, como o ancestral que emula respeito e sabedoria. Quando Mariana se torna, democraticamente, presidente de Zorei nomeia um ministério para cuidar exclusivamente dos direitos das mulheres: Ministério da Condição da Mulher.

O corpo africano está também presente no vínculo orgânico da personagem com a natureza. Para Pereira (2013, p. 114) essa proximidade “de laços entre o homem e o meio natural vem permitindo diferenciadas leituras acerca das culturas desenvolvidas pelos variados povos que a habitam”. Esse vínculo das culturas africanas com a natureza é percebido, muitas vezes, pelo olhar eurocêntrico como uma característica que denota ausência de modernidade.

É a partir desse lugar que se articulará o discurso veiculado pelo Ministério da Condição da Mulher na sociedade, ou seja, dentro da vida social de seu país, uma mulher não

se posiciona ainda como sujeito social e porque a cultura preserva valores que impedem a conquista da cidadania plena de todos, sem discriminação de gênero o homem evolui em sua forma de pensar. Portanto, mais que alguém à frente das decisões, Ilufemi é aquela que propõe caminhos para se pensar a África, pontuando que nem toda tradição deve ser mantida, pois um país que pensa à luz da “antropofagia política” deve questionar também esse viés no que tange as negociações culturais.

Antônio Olinto, como morador de Ubá, região de Piau, conheceu Romana da Conceição na África, uma idosa que em 1963 realizara seu sonho de passear no Brasil. O próprio autor afirma que muitos lhe perguntavam se Romana e Mariana eram a mesma pessoa e, frente a essa indagação respondia: “ela não é a Mariana, mas foi sua inspiração” (FIGUEIREDO, 2009, *apud* OLINTO, 1980, p. 230). Dessa forma, a trilogia *A Alma da África* é uma narrativa que *atravessa* a experiência de vida do próprio autor.

### **A Construção (ou uma primeira conclusão)**

A narrativa de o *Trono de Vidro* finda com a jovem Mariana sendo baleada. Entretanto, a bala não mata Mariana. Enquanto seu pai, Sebastian Silva, recebia um tiro certo, sendo assassinado ao final do primeiro livro dessa trilogia, Mariana, agora Ilufemi - continua viva, ao lado da Velha Mariana. Avó e neta constroem um caminho rizomático, e no fim, uma e outra se completam, seja no nome, na juventude da neta em contato com a velhice da avó, ou através de suas histórias que se encontram. As duas personagens são a personificação da noção de crioulização glissantiana: um processo que coloca elementos culturais heterogêneos em contato uns com os outros, mas equiparados em valor, de modo à intervalorizá-los (GLISSANT, 1996, *apud* SILVA, 2013, p. 21- 22).

A partir de sua derivação do termo crioulo, a noção de crioulização se articula, a priori, em torno de ideias como cultura autóctone, identidade cultural liminar — não se trata do indígena e tampouco do europeu —, trocas e traduções, desenraizamentos, bem como de mescla cultural, de línguas e linguagens. No entanto, é preciso ressaltar que, a partir do largo percurso conceitual em que tem sido ressignificada, a crioulização, enquanto categoria movente, ganha sentido nos diferentes discursos em que a noção vem sendo empregada. (SILVA, 2013, p. 06)

Mariana, a jovem, regressa também ao Brasil, fazendo o percurso de sua avó, mas no sentido inverso: Rio de Janeiro – Juiz de Fora – Piauí; e em seguida Juiz de Fora – Rio de Janeiro – Salvador – Zorei. A menina adentra também o mundo europeu, volta à África, onde descobre o *locus* enunciativo de seu discurso, e retorna ao Brasil, passando pelos lugares por onde a primeira Mariana havia passado.

A questão de gênero, interligada à questão do processo de criouliização que será vivenciado pelas personagens femininas está presente desde o início da narrativa do primeiro romance de *A Alma da África*, através da personagem Ainá, que deseja regressar à África, culminando na personagem Mariana, representante da quinta geração, cujo desejo é o de mudar a cultura de uma nação.

A tese que defenderei é a que o mundo se criouliiza. Isto é: hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos emitem dizer – sem ser utópico e mesmo sendo-o – que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo – a crença de que a identidade de um ser s[ó] é válida e conhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todo os outros seres possíveis. (GLISSANT, 2005, p. 18)

A negociação identitária dessas personagens propõe um questionamento glissantiano: como ser sem sufocar o outro, e como se abrir ao outro sem asfixiar a si mesmo. Por fim, gostaríamos de pontuar que na literatura brasileira há dois pontos de vista: “a condição do negro como objeto, numa visão distanciada”; e o segundo ponto focaliza o negro “como sujeito, numa atitude comprometida”, avalia PROENÇA (2010, p. 43). A trilogia de Olinto nos parece indicar uma postura ligada ao segundo posicionamento: sua escrita mostra, entre outras peculiaridades, a importância de uma narrativa centrada na singularidade das culturas africanas. Figueiredo, ao referir-se à trilogia de Olinto diz o seguinte: “os afetos atingem os personagens quando eles se deslocam de um país para o outro, de uma cultura para outra.

Percebe-se que a procura de uma origem, de uma raiz, através de variados “retornos”, não resulta necessariamente em felicidade” (FIGUEIREDO, 2009, p. 52), isto porque não se pode resolver um passado simplesmente retornando a sua origem. Para além da questão dos “retornados”, os três romances de Antônio Olinto encenam o complexo processo de transformação cultural vivenciado pelas personagens femininas, objeto deste breve estudo.

## Referências

- BERGSON, Henri. Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito. *In: Matéria e memória ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. – 4ª edição – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Os brasileiros retornados á África*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos, n° 38, p. 51-70, 2009.
- PROENÇA, Domicio. “A trajetória do negro na literatura brasileira”. *In: Um tigre negro na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Org.: Edimilson de Almeida Pereira. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. “Antropofagia”. *In: Conceitos de Literatura e Cultura*. Org.: Eurídice Figueiredo. Juiz de Fora: EDUFJF; Niterói: EDUFF, 2005.
- OLINTO, Antonio. *Brasileiros na África*. São Paulo: GRD; Brasília: INL, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A casa da água*. Editora Círculo do Livro: São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Rei de Keto*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Trono de Vidro*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2007.
- PEREIRA, Édimo de Almeida. *A terceira margem da África: uma análise crítica da reconstrução de identidades afrodescendentes na prosa de Antônio Olinto*. Tese de Doutorado. Orientadora: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2013.

REIS, Livia de Freitas. “Transculturação e Transculturação Narrativa”. *In: Conceitos de Literatura e Cultura*. Org.: Eurídice Figueiredo. Juiz de Fora: EDUFJF; Niterói: EDUFF, 2005.

SILVA, Yara dos Santos Augusto. “Crioulização e diálogo intercultural na obra de Xul Solar”. *In: ReVeLe - nº 5 – Maio/2013*.

TREINER, Sandrine. “Em nome da «honra»: crimes no mundo muçulmano”. Christine Ockrent (org.). *O livro negro da condição das mulheres*. Lisboa, TemaseDebates, 2007.